

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT22.009

DIÁLOGO SOBRE BIODIVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE CIENTISTAS SOBRE A INTERAÇÃO ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA

Karla Mouzinho Gualberto¹
Alessandra Gomes Brandão²
Caroline Oliveira Salgado³

RESUMO

A sociedade contemporânea, embora fortemente influenciada pela ciência, ainda não se apropriou plenamente do conhecimento científico. Nas últimas décadas, diversos esforços têm buscado reduzir o distanciamento entre ciência e sociedade. No Brasil, essa preocupação é crescente, e o Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração (PELD), promovido pelo CNPq há 28 anos, é um exemplo dessa iniciativa. Em 2020, o programa incluiu uma chamada voltada à comunicação pública da ciência. Este trabalho apresenta resultados da experiência “Converse com um/a cientista”, que promoveu o diálogo direto entre pesquisadores do PELD e estudantes da rede pública da Paraíba. A atividade, fundamentada na comunicação pública da ciência em sua vertente dialógica, ocorreu em um espaço aberto na UFPB, simulando uma sorveteria. Nela, os alunos escolhiam cientistas para conversas

- 1 Mestre no Programa de Ecologia e Conservação de Ecossistemas da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB karlagualberto257@gmail.com
- 2 Doutora em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB alessandra.gomes.brandao@gmail.com
- 3 Graduada em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais - UnilesteMG carol@carolsalgado.com

informais sobre biodiversidade brasileira. Entrevistas com 12 pesquisadores mostraram que eles avaliaram sua participação como “muito boa” ou “boa”. Os sentimentos predominantes foram empolgação (75%), tranquilidade (8,3%) e responsabilidade (8,7%). Em relação aos estudantes, os cientistas notaram principalmente animação (66,7%), ansiedade (16,7%) e curiosidade (8,3%). Todos os participantes consideraram que atividades desse tipo podem despertar maior interesse pela ciência, e 91,7% afirmaram ter intenção de reproduzi-las em seus locais de pesquisa.

Palavras-chave: Popularização da ciência, Converse com Cientista, PELD-COM. PELD

INTRODUÇÃO

Inicialmente a comunicação científica estava voltada para seus pares, onde as descobertas e realizações eram feitas pensando no meio acadêmico e voltada para uma pequena parcela de cientistas daquela área (Mueller, 1995). O termo comunicação científica, como explica KAPLAN e STORER (1968), se referia a troca de informações e saberes entre os próprios cientistas, e com isso podemos entender o quão limitado ficou a divulgação da ciência no passado. Segundo KNORR-CETINA (1999), a comunicação científica era importante inicialmente dentro da comunidade acadêmica, conferindo prestígio e visibilidade aos trabalhos realizados dentro do meio acadêmico, fazendo com que outros cientistas tivessem conhecimento do que era realizado no mundo. Com o passar do tempo, só a comunicação entre pares não seria suficiente, os cientistas precisavam se comunicar com a sociedade, dividindo assim em comunicação primária (Comunicação Interpares) e comunicação secundária (Comunicação pública ou divulgação científica) (EPSTEIN, 2012).

O núcleo da divulgação científica deve ser o processo de tornar o conhecimento produzido pela ciência acessível e compreensível para o público. Aproximando a sociedade do universo científico e vice e versa. Essa prática é essencial para fortalecer o pensamento crítico, combater a desinformação e promover uma cultura de apropriação da ciência. Além disso, ao permitir que as pessoas compreendam como o conhecimento científico é construído e aplicado, a divulgação científica contribui para decisões mais conscientes e para o desenvolvimento social e tecnológico de forma mais democrática.

Parte da comunidade acadêmica já percebeu a necessidade e a importância da comunicação pública da ciência. Isso pode ser observado pelas propostas que já são realizados por diversos pesquisadores e institutos de pesquisas, a exemplo do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) em Belém, que desenvolve atividades de compartilhamento de conheci-

mento científico com alunos de ensino fundamental e médio (MALCHER; COSTA; LOPES, 2022).

Além disso, com o surgimento de novas mídias de informação, a comunicação pública da ciência tem ganhado mais espaço e sendo transmitida com mais facilidade, alcançando uma maior parcela da população (JORENTE; SANTOS, 2014).

Nessa ampliação, a comunicação pública ciência, antes feita majoritariamente realizada de modo tradicional, permite novas experiências no ambiente digital, permitindo acessar o público jovem, crianças, adultos, idosos e assim alcançar maiores distâncias. Atualmente as mídias sociais têm sido uma grande ferramenta para instituições trabalharem a divulgação científica (BARBA; CASTILLO; MASSARANI, 2019). O uso de novas ferramentas digitais estão ganhando mais adeptos entre a comunidade acadêmica, facilitando a interação com a comunidade, e sendo um meio mais conveniente para democratização do acesso às informações científicas (KOUPEL, 2010).

No entanto, ainda se observa muitas dúvidas nas formas de realizar a divulgação científica, tanto dentro do meio acadêmico, quanto junto a sociedade e vemos efeitos positivos e negativos oriundos dessas novas formas de divulgação do conhecimento (GUSTAFSON; RICE, 2020). Essas incertezas fazem com que o meio acadêmico tente sempre melhorar a comunicação entre os cientistas e a sociedade, evitando a disseminação de informações inverídicas e o uso de dados científicos de modo corrompido (IYENGAR; MASSEY, 2019). Na atual realidade de desinformação e descredibilidade das informações científicas que se encontram no mundo, ter acesso direto aos fatos, e poder desmistificar a figura do cientista inacessível, contribui de modo significativo para formação das futuras gerações capazes de interagir mais e melhor com o conhecimento da ciência.

Como evidencia PERÉZ et. al. (2001), há ainda uma expressiva visão deformada da ciência, inclusive entre professores, contribuindo para que novas gerações permaneçam com essa imagem distorcida. Uma das

formas de combater tais visões se relaciona diretamente como formas renovadas de ensino e, conseqüentemente, de comunicar a ciência.

Neste ponto, vale destacar a contribuição de discussões sobre os modelos de comunicação, que podem ser compreendidos entre (1) Modelo de Déficit - onde o cientista fala e a sociedade apenas ouve; (2) Modelo Dialógico - onde a interação é de mão dupla e a sociedade tem direito a voz e buscar pelo que lhe interessa.

Os resultados apresentados neste trabalho fazem parte das experiências realizadas no âmbito do projeto PELDCOM - Projeto de Comunicação Pública da Ciência do Programa PELD, do CNPq. O mesmo buscou contribuir com aproximação entre ciência e sociedade, por meio de uma atividade baseada na comunicação dialógica, facilitando a aproximação com o fazer científico, por parte dos alunos de escolas públicas, abrindo o leque de possibilidades de trabalhar a interação dos cientistas, incentivando novas formas de dialogar sobre a ciência.

METODOLOGIA

A experiência do “Conversa com um/a Cientista” foi realizada durante o evento de avaliação do CNPq aos Projetos Ecológicos de Longa Duração (PELD), onde reuniram-se os 45 coordenadores/pesquisadores responsáveis pelos sítios de pesquisa espalhados por todo território nacional.

A atividade “Converse com um/a Cientista” foi aplicada como uma das estratégias do Projeto de Comunicação Pública da Ciência -PELDCOM, que possui o propósito de estimular a aproximação entre ciência e membros da sociedade, atendendo a uma necessidade da contemporaneidade de uma comunicação dialógica, ou seja, aquela que acontece em duas vias e não apenas unidirecional, onde o cientista é unicamente o protagonista da ação.

Para a realização da atividade, o PELDCOM lançou a proposta para os cientistas aderirem a essa atividade através de uma chamada interna. Os quatorze primeiros cientistas foram designados para a participação,

tendo em vista as diversas demandas do evento. A coordenação do projeto incentivou em reunião prévia com os cientistas pudessem levar materiais de suas pesquisas, que promovessem o diálogo com uma linguagem para públicos não especializados, e mantivessem o interesse de conhecer, ouvir e valorizar os conhecimentos dos indivíduos através de um diálogo aberto sobre assuntos da ciência.

A atividade aconteceu em um pátio externo na Universidade Federal da Paraíba, organizado de tal forma que configurasse uma sorveteria. As mesas e cadeiras estavam dispostas que permitiam que pesquisadores e estudantes desfrutassem de uma conversa cara a cara, enquanto degustavam um sorvete. Foram recebidos 40 estudantes de escola pública de ensino médio de João Pessoa-PB.

Os pesquisadores interagiram com estudantes, apresentando as pesquisas realizadas pelos seus sítios de pesquisa para os alunos do ensino básico de uma escola da rede pública da Paraíba, de forma descontraída, compartilhamento do conhecimento através dessa atividade. Foram realizadas diversas rodadas de diálogos, com um intervalo de 10 min para cada rodada. Os pesquisadores foram estimulados a ouvir e privilegiar os interesses dos estudantes, conversaram sobre suas dúvidas, curiosidades, expectativas e conhecimentos adquiridos, ao mesmo tempo que experimentavam essa nova experiência de comunicação da ciência.

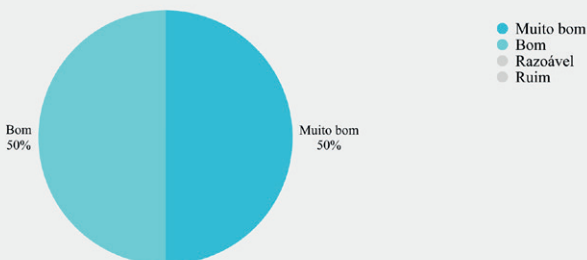
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção do artigo, apresentaremos os resultados das entrevistas realizadas com os cientistas após a realização da referida atividade. As entrevistas com os estudantes estão apresentadas em outro trabalho. Neste artigo, discutimos a percepção dos cientistas durante a experiência na modalidade dialógica de comunicação pública da ciência, durante o referido evento.

A primeira pergunta **“Como você avalia seu desempenho na atividade converse com um/a cientista?”** A mesma visa averiguar o seu nível

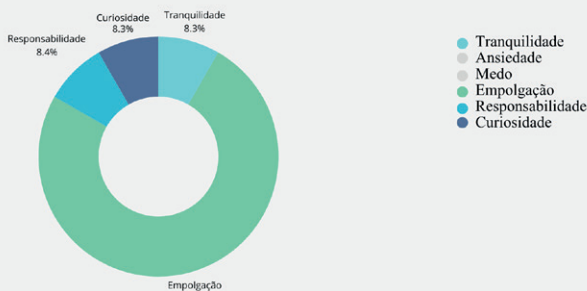
de satisfação para a realização da atividade. Na questão havia quatro opções que tinham um nível de satisfação de desempenho muito bom e ruim.

Figura 1- Como você avalia seu desempenho na atividade converse com um/a cientista? (2022)

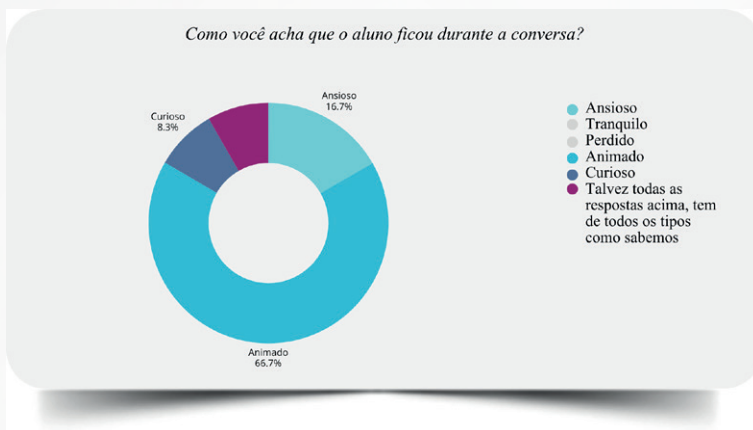


O gráfico acima aponta alto índice de satisfação relatado pelos participantes, em que 50% dos os cientistas avaliaram o próprio desempenho na atividade em muito bom e 50% em bom. O resultado demonstra não somente o êxito na execução da proposta mas também um processo de autorreflexão e satisfação acerca de sua capacidade de dialogar fora de espaços formais e institucionais. Essa percepção de autossatisfação está alinhada às diretrizes da alfabetização científica crítica (Sasseron & Carvalho, 2011), que compreende o ato de comunicar ciência como uma via de mão dupla, mediada pelo contexto social e cultural do interlocutor.

Que sentimento identificou em você, durante a atividade?



Nessa questão, de cunho mais emocional, os resultados revelam que 75% dos participantes relataram sentir “empolgação” durante a atividade “Converse com um/a Cientista”. Esse predomínio expressivo indica que a experiência provocou forte engajamento emocional positivo, relacionado à motivação intrínseca e à satisfação em participar de uma ação inovadora de comunicação pública da ciência.



As demais respostas foram distribuídas entre tranquilidade (8,3%), curiosidade (8,3%) e responsabilidade (8,3%), o que reforça um ambiente de confiança, interesse e comprometimento. A ausência de respostas relacionadas à ansiedade ou medo é um indicador de que a dinâmica adotada – ambiente informal, formato dialógico e interação com o público escolar – contribuiu para reduzir barreiras comunicacionais e amenizar tensões típicas das situações de exposição pública.

Do ponto de vista pedagógico, esses dados sugerem que o modelo de comunicação aplicado favorece a dimensão afetiva da aprendizagem e da prática científica, aspecto ressaltado por autores como Lewenstein (2015) e Epstein (2012), que defendem que emoções positivas como empolgação e curiosidade são motores essenciais para o engajamento público com a ciência.

Nessa questão acima, que apresenta o sentimento percebido nos alunos na visão do (a) cientista, 66,7% compreendeu que é o mesmo era de animação, revelando que a experiência despertou entusiasmo e interesse

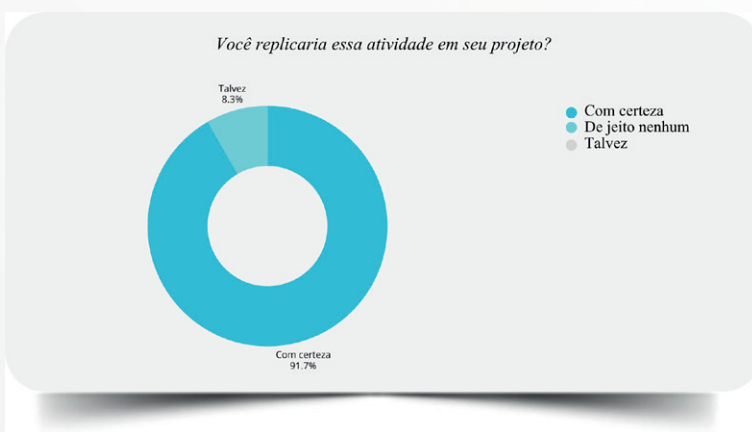
genuíno pelo tema da biodiversidade e pela interação com os pesquisadores. Outros 16,7% percebeu “ansiedade”, refletem um sentimento natural diante de uma situação nova e do contato direto com cientistas — uma figura que muitos estudantes veem como distante do seu cotidiano. Outros pesquisadores perceberam que 8,3 % estava “Curioso” mostrando, por outro lado, uma postura ativa de aprendizado, marcada pelo desejo de saber mais e fazer perguntas. Por fim, os 8,3% que reuniram todos os sentimentos indicam que a experiência provocou **um misto de emoções**, combinando empolgação, nervosismo e curiosidade, o que reforça o componente emocional e, possivelmente, facilitador da referida atividade de divulgação científica.

A análise dessa questão evidencia que, embora os pesquisadores inicialmente apresentassem certo desconforto em romper com suas práticas tradicionais de interação, a experiência foi amplamente acolhida e valorizada. A aceitação positiva demonstra uma compreensão crescente sobre a relevância do diálogo direto entre cientistas e estudantes, consolidando a importância de tornar o conhecimento científico mais próximo e participativo. Como destaca Vogt (2006), “a comunicação pública da ciência é uma via de mão dupla, em que tanto o público quanto o pesquisador se transformam no processo de troca de saberes”. Nesse sentido, a atividade mostrou-se enriquecedora não apenas para o público, mas também para os próprios cientistas, que puderam refletir criticamente sobre suas formas de comunicação e o papel social da ciência. Assim, o resultado reafirma o êxito da iniciativa e reforça a urgência de promover ações contínuas que integrem ciência e sociedade de modo acessível, reflexivo e transformador.



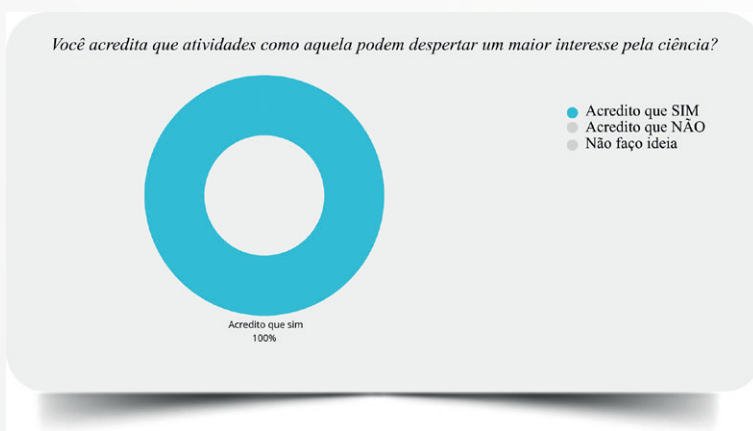
Essa questão buscou avaliar a situação de conforto/desconforto dos pesquisadores, uma vez que não é tão fácil migrarem de suas atividades conservadoras de interação. A mesma, porém, evidenciou a alta aceitação da experiência. Esse resultado indica que todos os participantes reconheceram o valor do diálogo direto com os estudantes e a importância de aproximar o conhecimento científico da sociedade de formas mais interativas.

Essa experiência reforça a ideia de que a divulgação científica não beneficia apenas o público, com mais simples de prever, mas também fortalece o papel social do cientista, permitindo que ele reflita sobre sua própria forma de comunicar o conhecimento e sobre o sentido de sua pesquisa. Em síntese, esse resultado expressa o sucesso da proposta e a necessidade de promover mais ações que estimulem o encontro entre ciência e sociedade de maneira acessível e inspiradora.



Outra questão se impunha, no entanto. O pesquisador replicaria essa atividade em que experiências de divulgação? O resultado aponta que 91,7% dos cientistas replicariam a atividade em seus próprios projetos e apenas 8,3% responderam “talvez”, evidenciando que a atividade foi prazerosa e eficaz na promoção do diálogo com a sociedade. Essa disposição em replicar demonstra um comprometimento crescente dos cientistas com a comunicação pública da ciência, o que é fundamental para reduzir o distanciamento entre o meio acadêmico e a sociedade. Já o pequeno grupo que respondeu “talvez” pode refletir dúvidas relacionadas a tempo, recursos ou adaptação da metodologia ao próprio campo de pesquisa, e não necessariamente falta de interesse. No geral, esses dados indicam que a experiência foi inspiradora, apontando caminhos para uma ciência mais aberta, participativa e socialmente engajada.

O resultado aponta que a intenção de replicar a experiência em diferentes contextos representa não apenas a validação da proposta, mas também um passo relevante para consolidar práticas científicas mais abertas, colaborativas e socialmente responsáveis, nas quais o conhecimento se torna instrumento de transformação e inclusão social. De acordo com Massarani e Moreira (2018), a comunicação pública da ciência “não se limita à transmissão de informações, mas envolve processos de mediação que permitem a construção compartilhada de significados entre ciência e sociedade”.



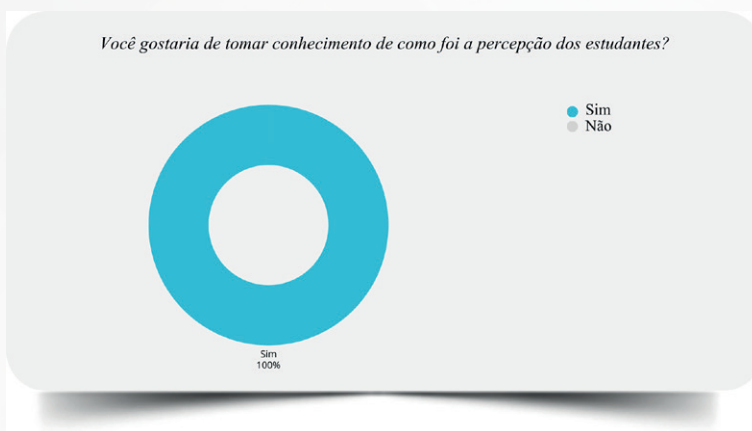
No entanto, era necessário entender melhor o potencial da atividade na visão dos pesquisadores, questionando se a mesma podia despertar um maior interesse pela ciência. As respostas mostraram que 100% dos cientistas acreditam que atividades como essa podem despertar maior interesse pela ciência, reforçando a importância e a eficácia do modelo de divulgação científica utilizado. A mesma mostra que os pesquisadores percebem claramente o potencial motivador do contato direto entre estudantes e cientistas, considerando que esse tipo de interação vai além de simplesmente transmitir conhecimento, promovendo curiosidade, engajamento e valorização da ciência.

A questão 8 buscou identificar sugestões dos mesmos para as próximas atividades. Os pesquisadores são identificados nesta resposta pela letra P1, P2. As respostas revelaram um interesse em aprimorar tanto a logística quanto o impacto educativo do projeto. Vários cientistas destacaram a importância de preparação prévia e planejamento dos temas (P1 e P2), para que os diálogos sejam mais produtivos e alinhados ao conhecimento específico de cada pesquisador.

Outros apontaram questões de organização do evento, como melhor separação das rodadas de conversa (P6), ampliação do número de alunos por sessão (P4); assim como aumento do tempo de interação (P10) e divulgação mais aprimorada de casa sítio de pesquisa; (P5), garantindo que os alunos possam se engajar de forma mais direcionada e significativa.

Algumas sugestões focam na expansão do alcance e diversidade de público, como incluir diferentes membros da sociedade – professores, produtores, gestores e representantes de órgãos ambientais – ampliando o impacto social do PELD (P9). Há também recomendações voltadas para detalhes logísticos e de conforto, como checar restrições alimentares (P11), e ideias de institucionalizar a atividade, tornando-a uma tradição dos encontros do programa (P12). Outras propostas incluem a realização de minicursos (P7) e aproveitar momentos já existentes no calendário acadêmico para integrar a atividade (P3).

No conjunto, essas respostas indicam que os cientistas valorizaram a experiência, mas enxergam oportunidades claras de tornar o evento mais estruturado, inclusivo e sustentável, aumentando tanto a participação quanto o efeito pedagógico da divulgação científica.



Esse dado mostra que os pesquisadores não apenas participaram da atividade, mas também valorizam o retorno e o olhar do público com quem interagiram. Essa postura é fundamental dentro da perspectiva da comunicação pública da ciência dialógica, pois coloca o diálogo e a escuta como elementos centrais da construção de conhecimento.

Ao querer entender como os alunos perceberam a experiência, os cientistas demonstram abertura à reflexão sobre suas próprias práticas comunicativas e disposição para aperfeiçoar futuras ações. Além disso, essa atitude revela uma visão mais humanizada e participativa da ciência, em que o aprendizado ocorre em via de mão dupla, beneficiando tanto o público quanto os pesquisadores e fortalecendo o vínculo entre ciência e sociedade.

Por último, quisemos entender as motivações que fizeram os mesmos se tornar um cientista. Em geral, essa questão ajuda a refletir sobre as práticas de comunicação da ciência. A pergunta revelou um forte componente emocional e vocacional, marcado principalmente pela curiosidade, fascínio pela natureza e desejo de compreender o mundo.

A curiosidade apareceu como o elemento mais recorrente, mencionada diretamente por vários participantes (P3, P4, P5, P6, P7, P8, P10, P11), evidenciando que o impulso de questionar e buscar respostas é o motor essencial da prática científica.

Outro aspecto marcante foi a relação afetiva com a natureza, especialmente com aves e ecossistemas, o que mostra como o contato direto com o ambiente natural pode despertar o interesse pela ciência (P1, P2, P8). Alguns depoimentos destacam ainda influências inspiradoras, como professores, cientistas e programas de TV (P3, P6), que funcionaram como modelos e incentivaram a carreira científica.

Há também uma dimensão reflexiva e existencial, expressa em falas que associam a ciência à busca de sentido e à inquietude diante do desconhecido (P7, P9). O relato de P9, por exemplo, mostra como a iniciação científica foi decisiva e como as experiências formativas podem transformar curiosidade em vocação.

Por fim, surgem motivações de responsabilidade social e paixão pelo conhecimento, com a intenção de “entregar soluções para a sociedade” (P12).

Em conjunto, essas respostas revelam que o caminho para se tornar cientista é diverso e multifacetado, unindo emoção, inspiração, curiosidade e compromisso com o coletivo – elementos que reforçam a dimensão humana e transformadora da ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da atividade “Converse com um/a Cientista”, desenvolvida no âmbito dos Projetos Ecológicos de Longa Duração (PELD), evidenciou o valor pedagógico e social da comunicação pública da ciência reforçando a perspectiva dialógica como ferramenta de aproximação entre pesquisadores e a sociedade. A proposta desafia o modelo tradicional de comunicação unidirecional – centrado na transmissão do conhecimento – e incentiva, mesmo que de forma experimental, um espaço de troca

simbólica e cognitiva, em que os saberes científicos e também populares se encontram em condição de diálogo e reconhecimento mútuo.

Ao contrário do que os rumores iniciais pareciam sugerir, os resultados demonstraram que os cientistas participantes sentiram-se motivados, satisfeitos e engajados na atividade, reconhecendo, contudo, a necessidade de um melhor planejamento e mais formação para linguagem acessível. Também foi unânime para os cientistas de que atividades como essas, “Converse com um/a cientista”, são estratégias eficazes para aproximar o público da ciência, tornando-a mais acessível, interessante e relevante para o cotidiano dos estudantes. O projeto não apenas aproxima sociedade e ciência, mas também cria condições para a formação de futuros cidadãos mais críticos e conscientes, capazes de valorizar e aplicar o conhecimento científico.

As sugestões coletadas reforçam que a construção de uma cultura científica participativa requer continuidade, institucionalização e a ampliação do público-alvo, envolvendo diferentes segmentos da sociedade.

Além de promover o contato direto entre ciência e comunidade escolar, a ação contribuiu para o fortalecimento da identidade dos pesquisadores enquanto agentes sociais e educativos, estimulando a reflexão sobre o papel do cientista na contemporaneidade. Dessa forma, a atividade vai além da divulgação científica: ela se configura como um exercício de educação científica cidadã, conforme defendem Sasseron e Carvalho (2011), na qual o diálogo se torna elemento essencial da alfabetização científica e da democratização do conhecimento.

Por fim, recomenda-se que iniciativas como esta sejam ampliadas e sistematizadas nos programas de pesquisa brasileiros, como forma de promover as ações de uma política pública de comunicação científica inclusiva e contínua. O sucesso da atividade “Converse com um/a Cientista” demonstra que o encontro entre pesquisadores e sociedade não apenas é possível, mas necessário, para que a ciência se reafirme como prática coletiva, ética e transformadora.

REFERÊNCIAS

BARBA, Ma de Lourdes Patiño; CASTILLO, Jorge Padilla González del; MASSARANI, Luisa. Public engagement in science: Mapping out and understanding the practice of science communication in Latin America. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 91, 2019.

BUCCHI, Massimiano; TRENCH, Brian. *Handbook of Public Communication of Science and Technology*. 2. ed. New York: Routledge, 2014.

EPSTEIN, I. Comunicação da ciência: rumo a uma teoria da divulgação científica. *Organicom*, [S. l.], v. 9, n. 16-17, p. 18-38, 2012. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2012.139126. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139126>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FEIST, Gregory J. *The Psychology of Science and the Origins of the Scientific Mind*. New Haven: Yale University Press, 2006.

GUSTAFSON, Abel; RICE, Ronald E. A review of the effects of uncertainty in public science communication. *Public Understanding of Science*, v. 29, n. 6, p. 614-633, 2020.

IYENGAR, Shanto; MASSEY, Douglas S. Scientific communication in a post-truth society. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 116, n. 16, p. 7656-7661, 2019.

JORENTE, Maria José Vicentini; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. Mídias de informação e comunicação e Ciência da Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 19, p. 190-206, 2014.

KAPLAN, N.; STORER, N. Scientific communication. *International Encyclopedia of Social Sciences*, v. 14, p. 112-117, 1968.

KNORR-CETINA, Karin. A comunicação na ciência. In: . *A ciência tal qual se faz*. Lisboa: Edições 70, 1999. p. 375-393.

KOUPER, Inna. Science blogs and public engagement with science: Practices, challenges, and opportunities. *Journal of Science Communication*, v. 9, n. 1, p. A02, 2010.

LEWENSTEIN, Bruce V. *Identifying What Matters: Science Communication and Science in Society*. Ithaca: Cornell University, 2015.

MALCHER, M. A.; COSTA, L. M.; LOPES, S. C. Comunicação da ciência: diversas concepções de uma mesma complexidade. *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S. l.], v. 12, n. 23, 2013. DOI: 10.5902/217549779315. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/9315>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. *A divulgação científica e seus desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O crescimento da ciência, o comportamento científico e a comunicação científica: algumas reflexões. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 24, n. 1, 1995.

SASSERON, Lúcia Helena; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Alfabetização científica: uma revisão bibliográfica. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 16, n. 1, p. 59-77, 2011.

VOGT, Carlos. *A espiral da cultura científica*. São Paulo: Edusp, 2006.